

Ecologia Humana. O pressuposto da Ética na preservação do Meio Ambiente

RESUMO

Antigos documentos revelam que ha preocupação com a ecologia não é fato recente. Mais recentemente, no séc. XIX, debate-se a “ecología profunda”, através de Teilhard de Chardin e, depois, com Aldo Leopoldo (1940), Arne Naess (1970), etc. Em nossos dias, o debate sobre a vida, a sustentabilidade, está permanentemente visível na mídia, nas reuniões da ONU, etc. Este artigo pretende indagar sobre o papel da Ética como recurso fundamental nesta discussão, concebendo Ética como algo que vai além da mera abordagem estética tão cara à vida moderna.

Palavras Chave: Ecología, Preservação, Vida, Ética, Estética, Jornalismo.

ECOLOGÍA HUMANA. UNA PROPUESTA DE LA ÉTICA PARA LA PRESERVACIÓN DEL MEDIO AMBIENTE

RESUMEN

Antiguos documentos revelan que la preocupación por la ecología no es tan reciente. En el siglo XIX se debate acerca de la “Ecología profunda” con la participación de Teilhard de Chardin y, luego, con Aldo Leopoldo (1940), Arne Naess (1970), etc. En nuestros días, el debate sobre la vida, la sostenibilidad, está permanentemente visible en los medios de comunicación, en las reuniones de la ONU, etc. Este artículo pretende investigar acerca del rol de la Ética, como recurso fundamental en esta discusión, considerando a la Ética como algo que va más allá del simple tratamiento estético, tan presente en la vida moderna.

Palabras Claves: Ecología, preservación, vida, ética, estética, periodismo.

Pedro Celso Campos

É jornalista profissional desde 1969, graduado pela Universidade de Brasília, e há dez anos ensina “Produção Jornalística - Técnicas de Reportagem e Entrevista”. Atualmente pesquisa a viabilidade do idoso na mídia.

HUMAN ECOLOGY. AN ETHICS PROPOSAL FOR THE PRESERVATION OF THE ENVIRONMENT

ABSTRACT

Ancient documents reveal that worries for ecology are not so recent. In the XIX century a debate about "PROFOUND ECOLOGY" was hold with the participation of Teilhard de Chardin and then, with Aldo Leopoldo (1940), Arne Naess (1970), etc. Nowadays debate about life or sustainability is permanently visible in the mass media, in the UN meetings, etc. This article intends to investigate about the role of ethics as a basic resource in this discussion, considering Ethics as something that trespasses the simple esthetics treatment which is permanently present in modern life.

Key words: ecology, preservation, life, ethics, aesthetics, journalism.

A terra está de luto e todos os seus habitantes
Perecem. Os animais selvagens, as aves do céu e
Até mesmo os peixes do mar desaparecem.
(OSÉIAS 4,3)

1. Antecedentes

Foi a Revolução Industrial, que marcou a transição entre a sociedade agrícola-artesanal do Séc. XVIII para a sociedade urbano-industrial, que alterou profundamente as relações de produção, exatamente entre 1750 e 1830. Isto se tornou possível a partir da mais radical manifestação contra o feudalismo que foi a Revolução Francesa, de 1789/1794. Com os grandes descobrimentos e, em função deles, a formação do mercado mundial, teve início o maior processo de globalização da história recente. A burguesia nascente apoiou inicialmente o desenvolvimento das artes, favorecendo a pesquisa e as invenções do Século das Luzes (Séc. XVIII) quando o poder da Razão se instalou nas ciências (Racionalismo) e todo o conhecimento passou a ter uma finalidade prática, voltado para o admirável mundo que então surgia, com a promessa de vida nova para todos os que aderissem e apoiassem as teses do capitalismo.

As oportunidades que surgiram com o novo sistema não eram para todos. Pelo contrário, o que era de todos ou estava à disposição de todos –como a água, a energia, as florestas, as praias, os recantos naturais, a terra, os rios e mares, afinal, a natureza– passou a ter dono. Agora a água gera energia e ambas são comercializadas. A terra ampla que poderia matar a fome de tantos, está improdutiva no latifúndio. As praias estão cercadas por condomínios de luxo ou por hotéis 5 estrelas. As florestas e o cerrado dão lugar à monocultura da soja ou à pecuária... a concentração da renda, a acumulação do capital vão gerando a injustiça que resulta na fome, na miséria, na violência, no desemprego, na infelicidade.

Percebemos que a centralização da história humana nos interesses do próprio homem –escolha que lhe foi possível pelo livre-arbítrio– gerou uma distorção no mandamento inicial da preservação para a vida. O que era dádiva, o homem transformou em propriedade. Excluiu o que não servia aos seus propósitos imediatos, tanto outros homens, como os bens naturais. Feriu, matou, destruiu, transformou amor em ódio.

Hoje, o efeito estufa é preocupação universal e todos os governos se mobilizam para entender a Convenção do Clima assinada por dezenas de países representados na Rio Eco-92, sob os auspícios da ONU, depois consubstanciada no Protocolo de Kyoto. Mas só há pouco a Rússia aderiu ao Protocolo, enquanto nos EUA, dez Estados invocaram o Pacto Federativo pelo direito de aderir à luta a favor do clima, contrariando o governo Bush que reluta em reduzir os níveis de lançamento de CO₂ na atmosfera alegando que isto implicaria em prejuízos para a economia americana.

Com a instantaneidade da notícia em tempo real, que é uma característica da sociedade da informação, tomamos conhecimento de todas as catástrofes ambientais no instante mesmo em que elas estão ocorrendo. Embora de modo insuficiente, a cobertura da mídia chega acompanhada de explicações da ciência sobre a origem dos fenômenos. Assim foi no caso da movimentação das placas que provocou o maremoto na Ásia matando mais de 300 mil pessoas em dezembro de 2004. A força do impacto levou a conjecturas sobre o deslocamento do eixo da Terra. Muitos vêem nos verões europeus cada vez mais quentes, nos invernos tropicais com dias de verão, em furacões como o Katrina que

destruiu New Orleans e arrasou estados inteiros no sul dos EUA em agosto de 2005, ou nos efeitos do fenômeno El Niño, com tantos desastres e inundações, uma manifestação clara de que algo muito grave está acontecendo com o clima. Por isto, estudar o passado, compreender o equívoco humano de centrar sua razão de ser apenas na acumulação de bens, gerando exclusão e miséria é fundamental se queremos educar e conscientizar as pessoas na direção de um novo comportamento ambiental, de um novo modo de vida, mais solidário, mais assentado no “ser”, no respeito às diferenças, na aceitação e na tolerância. A Terra não é uma propriedade particular de alguns.¹ Ela não existe em função do homem. Ela existia antes e tem meios de se auto regular para assegurar sua continuidade. É o homem que deve se adaptar à natureza e não ao contrário.² Se não compreender isto, o homem será “dispensado” pelo sistema em sua monumental e indomável marcha configurada na expansão cósmica entrevista por Einstein.

Nem só o homem é senhor de direitos na natureza. A própria natureza tem direitos por si mesmo, são os chamados “direitos intrínsecos”, algo que em nossos dias alguns classificam como “loucura”,³ sem elogio, mas outros, tão sábios quanto sensíveis às questões da nova era, chamam de “ecologia profunda”. São pessoas que se debruçam sobre o entendimento da unidade sistêmica, da unidade no todo, da interdependência orgânica no sistema único formado pelo binômio homem/natureza.

2. Ecologia Profunda

A problemática da ecologia profunda está presente na obra de Pièrre Teilhard de Chardin (1881-1955), paleontólogo, teólogo e pensador jesuíta francês que escandalizou os conservadores católicos ao observar que o universo tem vida inteligente e que até as pedras têm algum tipo de vida imanente, seguindo um finalismo que, em Hegel, significa que o próprio mundo tem sua razão de ser em sua finalidade última. Mas, enquanto outras filosofias, como o panteísmo, consideram a imanência divina na própria natureza, negando, portanto, sua transcendência

—isto é, Deus estaria na natureza, não fora dela— a igreja busca conciliar os princípios de imanência e transcendência.

Modernamente os conceitos de integração entre homem, natureza e Deus, ou entre ciência e religião, ciência e fé, racionalidade e espiritualidade, objetividade e intuição, são bem mais aceitáveis, mesmo entre renomados cientistas e grandes pensadores. A infinitude do universo ou a idéia de Deus não eram um mistério apenas para o pai da teoria da relatividade. Muitos outros já se incomodaram com isto.

Contra o antigo paradigma da crença no progresso material ilimitado, que via no corpo humano apenas uma máquina produtiva surge no novo século, um novo modo de ver o mundo, que concebe o mundo como um todo integrado, holístico, ecológico. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e nos revela que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos procesos cíclicos da natureza, portanto somos dependentes destes procesos.⁴ Como lembrava Einstein, *a natureza não precisa do homem, mas o homem precisa da natureza.*

Quem nos ensinará a ser éticos? Será a escola, a família, a religião? Mas a escola está sucateada, a família se divorciou e a religião transformou-se num supermercado de fórmulas prontas e comércio de ilusões através da proliferação das seitas com seus sacos e malas de dinheiro... que esperança temos de retomar os clássicos como no renascimento? Onde encontraremos debates sérios sobre as questões que dizem respeito à sobrevivência do homem neste planeta? Se a resposta é difícil, não é menos verdade que o estudo da ética se impõe, mais do que nunca.

3. Ecologia e Ética

Quais os elementos que podem induzir ao comportamento ético?

Aqui há dois caminhos a seguir e ambos se complementam. O primeiro é educação —não só no ambiente escolar convencional, mas ao nível de cidadania, com o apoio da mídia. O segundo é a advertência —através da

legislação firme, coerente, pertinente, aplicável, funcional. Quando somos penalizados no bolso, então compreendemos que é preciso repensar o consumo de energia, água, embalagens não recicláveis, combustíveis, fósseis, madeiras de florestas não controladas ou quando quemamos, desmatamos, poluímos, “assassinamos” animais e árvores.

Não temos outro caminho que não a retomada e o entranhamento da ética em nossas vidas, desde as atitudes mais simples que superam o “penso, logo existo” norma da ecologia rasa, de origem cartesiana e racionalista, para um “escolho, logo existo” –onde a participação responsável de cada um pressupõe níveis de consciência, característica da ecologia profunda e do pensamento sistêmico.

O desequilíbrio do ecossistema mundial provocado pela falta de ética e de estética, levou o Papa João Paulo II a se manifestar assim na carta *Dives in Misericórdia*:

Sucedem em nossos dias que, ao lado daqueles que são abastados e vivem na abundância, há centenas de milhões que vivem na indigência, padecem a miséria e, muitas vezes, morrem de fome. É por isto que a inquietude moral está destinada a tornar-se ainda mais profunda. Evidentemente, na base da economia contemporânea e da civilização materialista, há uma falha fundamental, um mecanismo defeituoso, que não permite à família humana sair de situações tão radicalmente injustas. (*Osservatore Romano*. 7 dez. 1981. n.11, p.12).⁵

A noção de que o problema do equilíbrio mundial é, basicamente, uma questão ética foi a razão do surgimento de teologias de contestação, na década de 1970, propondo uma Igreja mais presente e mais atuante nos problemas humanos, como se deu com a Teologia da Libertação –do peruano Gutiérrez e do brasileiro Leonardo Boff– pregando a opção preferencial pelos pobres. Reunidos em Puebla, os bispos latino-americanos já afirmavam em 1979: “*Vemos à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O lucro de poucos é um insulto para a miséria das grandes massas.*”⁶

Professor de Ética e Teologia Moral, na Pós-graduação da PUC-RJ, Antônio Moser aborda a ética como ciência categoricamente normativa

dos atos humanos, à luz da razão natural. Ela, a ética, não apenas descreve comportamentos humanos mas traça imperativos para que o homem possa realizar-se na sua humanidade. É através da vida humana ameaçada na terra que a ecologia e a ética encontram-se diante de um mesmo e gigantesco desafio: o que fazer para possibilitar a continuidade da vida sobre o planeta?

Para dar conta do desafio à sua frente, a ética deixa o eternismo platônico (mundo das idéias) para situar-se hoje, no plano das preocupações terrenas (mundo real). Segundo Moser, a ética desloca-se do antigo conceito permanente (*esse*) para o conceito hegeliano de evolução na continuidade (*fieri*). Agora ela é constituída na e pela história. Por isso assume traços de “provisoriedade”. (MOSER, 1984, p.31-32).⁷

As atualizações promovidas pela Igreja através do concílio Vaticano II revelam essa preocupação com a ética de *fieri*, voltada para o bem coletivo, desautorizando a ética do individualismo cartesiano que apresenta o homem embevecido com a própria inteligência, como se pode verificar nesta declaração conciliar.

Cumprem-se cada vez melhor os deveres da justiça e caridade se cada um, contribuindo para o bem comum segundo suas capacidades e as necessidades dos outros, promover e ajudar também as instituições públicas e particulares que estão a serviço de um aprimoramento das condições de vida dos homens... que todos considerem como sagrada obrigação enumerar as relações sociais entre os principais deveres do homem de hoje. (Documento do Concílio Vaticano II, cit. Por MOSER. 1984, p.33)⁸

O Professor Moser, à luz da ética, propõe uma nova sociedade com um programa de quatro pontos:

1. Abandono da civilização do desperdício,
2. Mais justa distribuição dos recursos humanos;
3. Atenção central à produção de alimentos;
4. Ação global contra a miséria e a fome.

Ele avalia que “só uma ação global, com a integração de esforços de organizações e dos governos, de boa vontade, que não isole os problemas da miséria e da fome, será capaz de tornar o panorama mundial menos sombrio para um futuro próximo.” E conclui: *Quem deve ir para o banco dos réus é o desperdício dos ricos, não as migalhas que alimentam milhões de miseráveis.*

4. Abordagem Estética

De início é preciso reconhecer que não se pode conceber a estética como valor absoluto, acima da moral, por exemplo. Conceber um modo estético de ser, no relacionamento social, nas práticas profissionais, no trato com a natureza, na concepção do texto ou da própria arte não pode ser uma obsessão, um fim em si mesmo, que nos faria relegar a segundo plano outros compromissos com a ética, o respeito, a amizade, o amor, etc., visto que isto nos levaria a uma vida artificial, vazia e hipócrita, como nessa ditadura da moda atual que levam as *top-models* à auto-desnutrição consciente –com riscos para a saúde– “dentro do padrão”. De igual modo o estetismo de Don Juan, o sedutor, leva a uma vida mesquinamente tediosa. Sob este aspecto, é impossível concordar com Oscar Wilde para quem a arte é mais importante que a própria vida, pois não existe arte sem vida e é a vida que dá sentido à arte e a tudo o mais. Também Soren Kierkegaard critica o estetismo consumista de quem vive no instante, apenas para colher rosas, sem os espinhos, praticando um oportunismo que menospreza a solidariedade e o verdadeiro amor ao próximo (desinteressado e puro), o que, não raro, acaba levando ao desespero. (ABBAGNANO, 2000, p. 375).⁹

Para Nietzsche, é indispensável à arte a perfeição do ser e das atitudes, o encaminhamento do ser para a plenitude, a divinização da existência, é o estado apolíneo que resulta da embriaguez dionisíaca.¹⁰ Para Hegel a tarefa da arte é superar a própria arte conduzindo o homem para o transcendente, o espiritual, isto é, para a religião e a filosofia, pensamento parecido com o de Benedetto Croce, para quem a “arte é o

conhecimento”, como em Aristóteles. Só pela educação chegamos ao conhecimento, então a arte tem uma função educativa.

Defensor do senso estético como parâmetro para o valor das coisas, o professor titular de sociologia do trabalho da universidade de Roma La Sapienza, mostra que a criatividade, no mundo da produção, é filha dileta de um equilíbrio delicado entre razão e emoção, entre fantasia e senso prático. Para ele, a adequação é a mola propulsora do progresso do mundo globalizado no que se refere à produção, à criação artística e ao bem-estar. Assim, não basta ser criativo, é preciso espírito empreendedor e paixão motivadora.

No jornalismo, o trabalho em equipe –onde a inteligência emocional conta tanto quanto o preparo racional– é a estrutura básica na qual se apóia todo o processo de criação intelectual e de produção industrial presentes nos modernos meios de comunicação de massa. Naturalmente cumpre às boas escolas de jornalismo dotarem os estudantes destas noções relacionadas com a capacidade de conviver com o diferente, de aceitar o outro, de ser solidário e bom caráter para que o trabalho em grupo obtenha os melhores resultados. Na própria escola o sentido de equipe deve ser despertado e valorizado na produção acadêmica.

5. Conclusão

Neste artigo fizemos um breve levantamento sobre a relação dos homens com a natureza. Discutimos o conceito de “ecologia profunda” no plano do próprio homem onde a preservação da natureza deve ser praticada em função dela mesma e não do homem em si, ficando implícito, do mesmo modo, que a nossa aceitação do outro –do seu modo de vida, de ser, de pensar, de se relacionar com Deus– deve se dar a partir do outro mesmo. O encaminhamento natural para adquirirmos esse respeito pelo outro –animal, árvore, gente– seria a revalorização da ética, disciplina tão desprezada, exatamente nestes tempos nos quais faz tanta falta.

Através da ética, poderemos aspirar a um comportamento estético nas artes, na sociedade, na cultura, na educação. Poderemos pensar um

“jornalismo estético” não do ponto de vista da apresentação física dos meios, mas do ponto de vista do seu comportamento social com a comunidade, da sua capacidade de servir ao receptor e não de servir-se dele para obter outras vantagens. Trata-se de colocar o receptor como sujeito e não como objeto da informação. Certamente, só pela educação ampla, integrando escola e sociedade, com a estratégica utilização dos meios de comunicação e através de uma legislação que cumpra sua obrigação de coibir os crimes ambientais, de forma enérgica e justa, será possível caminhar para o mundo estético também em relação ao meio ambiente.

Se tivermos uma formação ética para consumir sem afrontar a justiça social e os direitos do outro, por exemplo, se formos educados a consumir sem consumir o meio ambiente, se chegarmos a um acordo sobre “estética do consumo” no mundo pós-industrial, então poderemos propor uma estratégia de educação integrada e permanente para a sustentabilidade do outro mundo possível.

Notas

- 1 Cf. BOFF, L. Revista *Caros Amigos*, São Paulo, set. 1998.
- 2 Cf. MORIN, 1975, p. 192.
- 3 Cf. HAYMAN, R. *Nietzsche e suas Vozes*, 2000.
- 4 CAPRA, 1996, p. 25.
- 5 Cf. *Osservatore Romano*. 7 dez. 1981. n. 11, p. 12.
- 6 Cf. Bispos Latino-americanos “Evangelificação no Presente e no Futuro da América Latino-Puebla” Petrópolis, 1979, cit. por MOSER 1984, p. 29.
- 7 Cf. MOSER, 1984, p. 31-32.
- 8 Cf. Documento do Concílio Vaticano II, cit. por MOSER 1984, p. 33.
- 9 Cf. ABBAGNANO, p. 375.
- 10 Cf. ABBAGNANO, p. 372.

Bibliografia

- ABBAGNANO, N., *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- ARANHA, M. L. de A. & MARTINS, M. H. P. *Filosofando - Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1995.
- BUCK-MORSS, S. *Origen de la Dialéctica Negativa* - Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto Frankfurt. México, Siglo Veintiuno Editores, 1981.
- CAMÕES, L. de, *Os Luziadas*. Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno, São Paulo, Ediouro [s. d.].
- CAPRA, F. *A Teia da Vida - Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. Trad. de Nilton R. Eichemberg. São Paulo, Cultrix, 1996.
- CASTELS, M. *A Sociedade em Rede*. v. 1. São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- DE MASI, D. *A Emoção e a Regra - Os Grupos Criativos da Europa de 1850 a 1950*. 5ª ed. Trad. de Elia Ferreira Edel. São Paulo, José Olimpio, 1996.
- DURANT, W. *A Filosofia de Nietzsche*. Trad. de Maria Thereza Miranda. Rio de Janeiro, Ediouro, 1983.
- EINSTEIN, A. *Notas Biográficas*. Trad. de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- FERRY, L. *A Nova Ordem Ecológica - A Árvore, o Animal, o Homem*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo, Ensaio, 1994.
- FREUD, S. *O Mal Estar da Civilização*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- GAARDER, J. *O Mundo de Sofia*. Trad. de João Azenha Júnior. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- GOETHE, J. W. *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Trad. de Marion Fleischer. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- GOSWAMI, A. *A Janela Visionária*. Trad. de Paulo Salles. São Paulo, Cultrix, 2003.
- HAYMAN, R. *Nietzsche e suas Vozes*. Trad. de Scarlett Marion. Col. Grandes Filósofos. São Paulo, UNESP, 2000.
- HOMERO, *Odisséia*. Texto Integral. São Paulo, Martin Claret, 2003.

- JAUSS, H. R. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo, Ática, 1994.
- K. Nora & HÖSLE, V. *O café dos Filósofos Mortos*. Trad. de Salvador Pane Baruja. São Paulo, Angra, 2001.
- LAUAND, J. *Em Diálogo com Tomás de Aquino - Conferências e Ensaios*. São Paulo, Mandruvá, 2002.
- MARTIN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones - Comunicación, Cultura y Hegemonía*. México, Editorial Gustavo Gili, 1987.
- MARTINS, J. P. S. *Terra, Nave Mãe - Por um Socialismo Ecológico*. São Paulo, Traço Editorial, 1991.
- MORAES, D. (org.). *Por uma outra Comunicação - Mídia, Mundialização Cultural e Poder*. São Paulo, Record, 2003.
- MORIN, E. *O Enigma do Homem - Para uma Nova Antropologia*. Trad. de Fernando Castro Ferro. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MOSER, A. *O Problema Ecológico e suas implicações Éticas*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. de J. Oliveira e Ambrósio de Pina. Petrópolis, Vozes, 1988.
- SACHS, I. *Ecodesenvolvimento - Crescer sem Destruir*. Trad. de Eneida Araújo. São Paulo, Vértice, 1986.
- SCRUTON, R. *Espinosa*. Trad. de Angélica Elisabeth Könke. Col. Grandes Filósofos. São Paulo, UNESP, 2000.
- SINGER, P. *Hegel*. Trad. de Luciana Pudenzi, São Paulo, Loyola, 2003.
- STRABELI, M. *Subsídios para uma Leitura Franciscana da Bíblia*. Piracicaba, Centro Franciscano de Espiritualidade, 1993.

Correo electrónico: pcampos@faac.unesp.br